

JUNTA DE INVESTIGAÇÕES DO ULTRAMAR

CONTO MACONDE DE TEMA UNIVERSAL

por

MANUEL VIEGAS GUERREIRO

Da Missão de Estudos das Minorias Étnicas do Ultramar Português

Sep. de ESTUDOS CIENTÍFICOS OFERECIDOS EM HOMENAGEM AO PROF. DOUTOR J. CARRINGTON DA COSTA  
(Págs. 261 a 267)

LISBOA — 1962

## CONTO MACONDE DE TEMA UNIVERSAL

por

MANUEL VIEGAS GUERREIRO

Da Missão de Estudos das Minorias Étnicas do Ultramar Português

### TEXTO E TRADUÇÃO

#### Nyedi na nandjanga

*Nandjanga andinkodya nyedi:*

— *Wako, nyedi, mene haulula kutukuta, ukwavanga vila pahi.*

*Nyedi ate doni:*

— *Kaide<sup>1</sup> liduva lya yuma pili.*

*Nyedi andyandika mahamba imia. Kula lihamba nyedi andyandika doni: «Akaida nandjanga, akagwilila, akachi doni: Nyedi!, wako itika kachi doni: Nangu ni nyedi!» Kuvayavangila vadyoko vake na andivaulila doni:*

— *Akaida nandjanga, mumanye mwakuntendela.*

*Nandjanga andida n'kaya. Akaide, andinkodya nyedi. Nyedi*

#### O caracol e a gazela

Uma gazela encontrou um caracol:

— Tu, coracol, não podes correr, arrastas-te sòmente pelo chão.

O caracol disse assim:

— Vem cá no domingo.

O caracol escreveu cem papéis. Em cada folha escreveu assim: «Quando vier a gazela, ao cair e dizer: Caracol!, tu responde com estas palavras: Eu sou o caracol!» Dividiu-os pelos seus rapazes e disse-lhes:

— Para que saibais como proceder, quando a gazela vier.

A gazela chegou à povoação. Ao chegar, encontrou o caracol.

<sup>1</sup> Por *ukaide*.

*hakanava kwida nandjanga, andi-  
vatuma vadyoko vake valipiangé  
mu dindila uti dyachipita nand-  
janga. Vadyoko vandilipia. Akai-  
de nandjanga, ate doni:*

— *Leka tutukute wako na  
nangu. Nangu wako nakuleka*<sup>1</sup>.

*Nyedi andindjila pa lyukutu,  
kunneka nandjanga atukuta. Aka-  
tukute, nandjanga achindachema:*

— *Nyedi!*

*Na nyedi achindaitika:*

— *Nangu nyedi.*

*Yundji vila konda kalatachi  
yampele yo.*

*Nandjanga andilala, andidoba,  
andipela dimumu. Kuneka nyedi,  
ligongo nyedi ave na malipa a  
kwandika mahamba imia.*

*Lilove lya wakuvalanga:*

*Kenga wako undimanya kwan-  
dika, wetu hatumanyite kwandika,  
wetu apa tunadoba; wako hau-  
doba. Wetu achipali cha tuma-  
nyite.*

Este, antes de ela vir, ordenou aos seus rapazes que se escondessem em todos os caminhos onde ela passasse. Os rapazes esconderam-se. Quando a gazela chegou, disse assim:

— Vamos correr tu e eu. Deixar-te-ei atrás.

O caracol entrou num arbusto, deixando a gazela correr. Ao correr, chamava:

— Caracol!

E um caracol respondia:

— Eu sou o caracol.

Mas era outro, por causa da folha de papel que ele dera.

A gazela deitou-se, cansou-se, morreu com falta de ar. Deixou o caracol, porque o caracol teve a esperteza de escrever cem papéis.

Comentário do narrador:

Como tu sabes escrever e nós não, nós, por isso, cansar-nos-emos; tu não te cansas. Nós nada sabemos.

Contado por Namawona na aldeia de Mandamo, a 9 k a nascente de Mueda, em Agosto de 1958.

#### COMENTARIO

É um conto de tema universal — o das corridas entre animais. Estudaram-no circunstanciadamente, entre outros: Óscar Dähnhardt, *Natursagen*, 4 tomos, Lipsia e Berlim, 1907-12 (vid. t. iv, pp. 46-49);

<sup>1</sup> Por *ndakuleka*.

Johannes Bolte & George Polivka, *Anmerkungen zu den Kinder und Hausmärchen der Brüder Grimm*, 3 tomos, Lipsia, 1913-18, t. iv, Lipsia, 1930, t. v, Lipsia, 1932 (vid. t. iii, pp. 339-355); Aurélio M. Espinosa, *Cuentos Populares Españoles*, 3 tomos, Madrid, 1947 (vid. t. iii, pp. 331-349), e Luís da Câmara Cascudo, no comentário ao estudo de Hart *Mitologia dos Índios do Amazonas*. O notável investigador brasileiro resume as notas e classificação do «comentário» na edição dos *Contos Populares do Brasil*, de Sílvio Romero, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1954, pp. 368-372, por si anotada e à qual mais de uma vez nos referiremos. Para bibliografia mais vasta veja o leitor a citada obra de Espinosa, t. iii, pp. 331-333, e C. Cascudo na obra e páginas referidas.

Espinosa, *op. cit.*, vol. ii, pp. 331 e 342, menciona a versão portuguesa «A raposa e o sapo», de F. Xavier de Ataíde Oliveira, *Contos Tradicionais do Algarve*, Porto, 1905, vol. ii, n.º 326, pp. 332-333. Integra-a no tipo IV do seu 2.º grupo de versões, com o esquema A ou A1, C ou C1 H. Há, porém, lapso nesta classificação. Em vez de A ou A1, o elemento da facécia portuguesa é o que o ilustre professor rotula de A5: «La zorra u otro animal, y el sapo, u otro animal, son compañeros y cultivan un terreno. Para decidir a cuál de los dos ha de pertenecer la cosecha se desafían a una carrera...» Efectivamente, na versão portuguesa, o sapo e a raposa decidiram fazer uma sementeira de meias e, após a colheita, a raposa quis apoderar-se de toda ela, propondo que ficasse seu dono o que chegasse primeiro à eira; e deste modo o esquema da variante portuguesa é A5 C1 H, que, embora do mesmo 2.º grupo, pertence, porém, ao tipo IV C. Exemplifica o processo C de corrida, de Câmara Cascudo: «Vencedor imóvel. Um dos animais coloca-se na extremidade da pista e finge ser o vencedor que não saíra do lugar» (S. Romero. *op. cit.*, p. 371).

Em Março de 1958 Manuel Joaquim Delgado publicou outra variante no *Mensário das Casas do Povo*, ano xii, n.º 141, pp. 10-11 e 15, mas não alude ao lugar de recolha. Pode juntar-se às do 2.º grupo de Espinosa com o esquema A5 C3 H e aproxima-se do tipo VC. Ilustra o processo de corrida A, de Cascudo: «O animal vagaroso escalona os irmãos ao longo da pista e eles respondem aos gritos do adversário veloz» (S. Romero, *op. cit.*, p. 369).

Tenho presente ainda uma outra versão portuguesa, «A lebre e o sapo-concho», inserta n' *O Livro da Segunda Classe* do ensino primário elementar, Porto, 1954, pp. 25-27. É a forma esópica. Pertence ao 1.º grupo de Espinosa e seu esquema A1 B H não cabe perfeitamente em nenhum dos tipos do grupo.

Uma senhora do Algarve acaba de contar-me a mesma história, ouvida por ela ao pai, há mais de trinta anos, no sítio do Azinhal, freguesia de Boliqueime, do concelho de Loulé, onde então residiam. Por ser inédita, aqui se publica:

### O caracol e a lebre

Era uma vez um caracol que andava a pastar pachorrentamente. Nisto chega uma lebre, esbaforida de correr, e diz-lhe:

— Bons dias, caracol. Passas a vida a comer descansadamente; só a mim me não largam os cães e os caçadores.

O caracol respondeu:

— Então que julgas? Parecendo que não ando, caminho mais do que pareço.

A lebre sorriu, zombeteira, e disse-lhe:

— Olha lá, que tempo levarias tu a chegar acolá, ao pé daquela árvore?

— Olha que não seria muito.

A lebre tornou:

— Eras capaz de chegar primeiro do que eu, não?

— Talvez.

— Então vamos fazer uma aposta, para ver qual chega primeiro.

— Pois sim, mas deixa-me acabar de comer esta folhita verde.

— Então come e vai-te embora, que eu vou descansar um pouco.

E, deitando-se a descansar, adormeceu. Quando acordou, olhou sobressaltada na direcção da árvore, para ver se avistava o caracol, e, não o vendo, abalou em louca correria. Quando chegou junto da árvore, não vendo o caracol, voltou-se e exclamou:

— Quando chegará ele?

E o caracol, empoleirado no pé na árvore, respondeu:

— Já cá estou.

Tinha-se encarrapitado no pequeno rabo da lebre e ela, sem dar por isso, é que o transportara.

E assim o caracol, com a sua esperteza, ganhou a aposta.

Pode incluir-se no 3.º grupo de Espinosa e aproxima-se do tipo VI. Singulariza-se, porém, no seguinte: A lebre troça da lentidão do caracol e é ela que lança o desafio, ao passo que em Espinosa (elemento A) é o animal vagaroso que propõe a corrida. No elemento D de Espinosa lê-se: «Carrera de la zorra y el sapo. El sapo salta sobre la cola de la zorra, o se agarra a la cola de la zorra. Al llegar al fin de la carrera, salta por encima y cae delante de la zorra» (p. 336). No nosso texto figuram uma lebre e um caracol e não há salto final.

A versão corresponde ao processo B de Cascudo: «O antagonista mais fraco pendura-se no adversário forte e vai sendo carregado por este, sem que perceba a fraude que o derrotará» (S. Romero, *op cit.*, p. 370).

Num conto macua, de Moçambique, «O camaleão e a girafa», o camaleão ferra-se ao rabo da girafa e ganha a corrida (P.º Francisco Manuel de Castro, «Contos Macuas», in *Trabalhos do 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial*, Porto, 1934, vol. II, pp. 327-329).

Foi publicada uma variante angolana do conto («O bambi e o cágado») no *Mensário Administrativo*, Luanda, Fevereiro de 1949, n.º 18, p. 47, por Jorge Nunes Lopes. Não se menciona o lugar de recolha; vem só o texto em português. Tem muito interesse. Integrá-lo-emos no 2.º grupo de Espinosa e processo A de Cascudo. Nenhum dos tipos estabelecidos por aquele professor lhe convém. Apresenta as seguintes novidades:

a) «O bambi informou-o [o cágado] de que à distância de um quilómetro se encontrava uma peça de caça morta e esta seria de quem lá chegasse primeiro» (p. 47).

b) Os companheiros colocam-se ao longo do caminho com a promessa de que lhes seria dada a peça de carne.

c) O bambi não se apressa, vai olhando para trás e sorrindo. Não grita pelo cágado, nem os companheiros deste dão qualquer sinal de vida. Não se percebe, portanto, para que se escalonaram pelo

caminho. Deficiência do narrador? Do colector? Ou apenas cruzamento de processos: o dos muitos companheiros postos no percurso com o de um colocado no fim dele?

De um cozinheiro cuanhama ouvi, em 1950 e na cidade de Sá da Bandeira (Angola), uma outra versão desta fábula. Aqui vai, no português estropeado do narrador:

#### O sapo e a cavra do mato

Um cavra do mato encontra um sapo.

— Ó sapo, você nã podi corer.

— Eu sabe corer.

— Sabe corer como?

— A gente quando vai corer, você fica em cima e eu fica dentro do rio. A gente vamo corer e me torna a chamar, se eu não está a responder.

O sapo está no mesmo sito e a cavra sempre a corer. O sapo convidou os outros amigos sapos todo pra responder à cavra. Bom, a cavra começou a corer e a chamar o sapo.

— Afinal tô a corer pouco. Estás sempre a me responder e afinal tô a corer pouco.

Bom, a cavra vai andando a corer, sempre a chamar o sapo. E pôs ô fim a cavra moreu. E o sapo começou a perguntar à cavra:

— Agora, tu estava a dizer que eu não sabia corer e chegou no fim e moreu.

É integrável no 2.º grupo e tipo V de Espinosa, A C5 H J, e no processo A de Cascudo.

Note-se que a nossa versão maconde é também do 2.º grupo e tipo V: A C3 H J. Espinosa crê que este tipo pode ter proveniência africana (*op. cit.*, p. 349). Stith Thompson (*The Folktale*, Nova Iorque, 1946, p. 285) afirma que todas as versões em que se colocam em linha parentes ou amigos vieram directa ou indirectamente da Índia. É o tipo 1074 (*Race with Relatives in Line*) da classificação de Aarne-Thompson (*The Types of the Folk-Tale*, F F Commu-

nications, n.º 74, Helsínquia, 1928). Dähnhardt atribui, por seu turno, origem bizantina a todas as modalidades do conto.

Assinalável também, na versão maconde, a invenção, talvez moderna, das folhas de papel. E note-se que este expediente contaminou toda a linha estrutural da fábula. O narrador quer atrair para ele boa parte da atenção dos ouvintes e até o apresenta como causa primeira do engano. E, como se isto não bastasse, em comentário a mim dirigido, a modo de conclusão, põe ainda em grande relevo o valor da escrita.